

EIXO TEMÁTICO 10 | QUESTÕES SOBRE ENVELHECIMENTO, INFÂNCIA E JUVENTUDE**APONTAMENTOS SOBRE ENVELHECIMENTO E ETARISMO NA CONTEMPORANEIDADE****NOTES ON AGING AND AGEISM IN CONTEMPORARY TIMES****Daniele Eduardo Rocha¹****Francisco Marcelo Alberto Ferreira²****Preciliana Barreto de Morais³****RESUMO**

Embora o envelhecimento populacional seja um fenômeno presente, que vem ganhando maior expressão nos últimos 50 anos, os preconceitos e discriminações em razão da idade, entendidos como etarismo, idadismo ou ageísmo, continuam sendo recorrentes. Nesse sentido, objetivo geral deste trabalho é discutir sobre envelhecimento e etarismo na contemporaneidade. Os objetivos específicos são: situar o processo de envelhecimento populacional; retratar o etarismo; e destacar as repercussões do etarismo para os sujeitos que o vivenciam. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, contando com pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados demonstram que os preconceitos relacionados à idade são recorrentes hodiernamente, contribuindo para a estigmatização da velhice e dos velhos, repercutindo nas suas vidas, na sua saúde física, mental, no bem-estar e na autoestima dos sujeitos que os vivenciam. Logo, o etarismo deve ser enfrentado, pois além dos prejuízos que causa, tais estereótipos não condizem com a realidade da velhice hoje.

Palavras-chave: Velhice; envelhecimento; etarismo.

ABSTRACT

Although population aging is a present phenomenon, which has gained greater expression in the last 50 years, prejudices and discrimination based on age, understood as ageism, ageism or ageism, continue to be recurrent. In this sense, the general objective of this work is to discuss

¹ Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará PPGS/UECE.

² Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará - PROPGE/UECE.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - PPGS/UFC. Professora permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

aging and ageism in contemporary times. The specific objectives are: to situate the population aging process; portray ageism; and highlight the repercussions of ageism for those who experience it. To this end, qualitative research was carried out, relying on bibliographic and documentary research. The results demonstrate that prejudices related to age are recurrent today, contributing to the stigmatization of old age and the elderly, having an impact on their lives, their physical and mental health, the well-being and self-esteem of the individuals who experience them. Therefore, ageism must be faced, as in addition to the damage it causes, such stereotypes do not match the reality of old age today

Keywords: Old age; aging; ageism

1 INTRODUÇÃO

Observa-se em nível mundial, nacional e local, desde os anos 1970, o fenômeno do envelhecimento populacional, decorrente das quedas nas taxas de fecundidade e natalidade, e do aumento da qualidade de vida, bem como em virtude de melhorias nas condições de saúde, alimentação, habitação e saneamento básico, dentre outros aspectos. Esses fatores contribuíram para um crescimento na expectativa de vida dos idosos.

Em 2017, no Brasil, a população envelhecida chegou os 30,2 milhões, chegando a 14,6% da população total, o que representa um aumento de 18% no número de idosos nos últimos cinco anos. (IBGE, 2018) Em 2019, a expectativa de vida do povo brasileiro alcançou 76,5 anos. O Ceará também segue o curso do envelhecimento populacional, uma vez que a expectativa de vida subiu para 74,5 anos no mesmo ano. (IBGE, 2019)

Compreender esse contexto de crescimento populacional é fundamental para que possamos entender que é dentro dessa dimensão contemporânea, com todos os elementos que a permeiam, que esses velhos estão vivenciando suas velhices e que essas estão circunscritas a esses processos, apresentando particularidades não vistas em outros momentos históricos.

A velhice é uma categoria social e historicamente construída, interpelada pelo tempo, local, cultura, dentre outros fatores pertinentes à realidade. Assim, podemos compreender que os velhos estão inseridos na dinâmica micro e macrossocial, interferindo nessa realidade e sendo também modificados por ela.

Contudo, embora os velhos estejam envelhecendo mais e já sejam uma parcela significativa da população brasileira, preconceitos e discriminações em razão da idade são recorrentes, Isso reflete o idadismo, ageísmo ou etarismo, os quais são bastante reforçados na sociedade vigente e contribuem para a invisibilidade e para a violação dos direitos da pessoa

idosa. O etarismo

[...] se expressa não apenas em agressões físicas ou verbais, mas também em atitudes e posturas que desconsideram seu saber, sua vontade e suas decisões; quando sua autonomia é ferida; quando a velhice é comparada à infância ou percebida como sinônimo de inutilidade, decrepitude e morte; quando a participação social dos/as idosos/as é indesejada e desencorajada. (NOGUEIRA; BATISTA, 2022, p.16).

Entretanto, ao olharmos mais atentamente para as velhices, entendemos que esses estereótipos se reverterem a cada dia, quando encontramos velhos conscientes de suas velhices, das suas dificuldades e potencialidades, que são satisfeitos e vivenciam a vida cotidiana em todas as suas esferas, seja no âmbito familiar, no trabalho, dentre outros espaços.

Diante do exposto, este trabalho propõe contribuir para o debate entre envelhecimento e etarismo na contemporaneidade, a partir de questões como: o que é envelhecimento? O que é etarismo? Quais são as repercussões do etarismo? Para tanto, será desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, contando com levantamento bibliográfico e documental sobre envelhecimento e idadismo.

2 ENVELHECIMENTO, VELHICE E ETARISMO

Segundo Beauvoir (1990), a velhice é uma fase natural da vida e inerente à condição humana. Nascer, amadurecer, envelhecer e morrer são características intrínsecas da vida, ocorrendo gradualmente. Assim, estamos destinados a este ciclo, caso não morramos jovens.

Contudo, para além da questão biológica que permeia o envelhecimento, de acordo com Magalhães (1987), a velhice é interpelada por outras dimensões como a cronológica, a social, a psicológica, a demográfica, a econômica, a cultural, a ideológica e a política. Isto revela a “multiplicidade de aspectos, irreduzíveis uns aos outros” (BEAUVOIR, 1990, p. 17) a qual a velhice está submetida.

Em termos de marcadores cronológicos, a idade para considerar alguém como velho varia, dependendo do local e tempo histórico. No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa (2003) define como velhos os sujeitos com idade igual ou superior a 60 anos. A partir de então, as pessoas que se encontram nessa faixa etária passam a gozar de direitos e deveres concernentes a esse grupo.

Assim, podemos afirmar que a velhice é uma fase natural do ciclo de vida humano, mas que, em razão de todos os processos que influenciam a chegada dos sujeitos ao envelhecimento, bem como sua vivência, além de socialmente construída, ela é individualmente vivenciada. (MAGALHÃES, 1987).

Hodiernamente, mesmo com o crescimento do envelhecimento populacional, já sinalizado previamente, observa-se um distanciamento entre as gerações, o que estimula a prática de condutas que promovem a discriminação o preconceito com base na idade. É válido destacar que esses preconceitos e discriminações baseadas na idade, que chamamos de chamamos de etarismo, idadismo, velhismo ou ageísmo, podem ser sentidas em todas as idades, embora sejam mais frequentes na velhice (NOGUEIRA; BATISTA, 2022).

É importante lembrar que o preconceito contra pessoas idosas se expressa não apenas em agressões físicas ou verbais, mas também em atitudes e posturas que desconsideram seu saber, sua vontade e suas decisões; quando sua autonomia é ferida; quando a velhice é comparada à infância ou percebida como sinônimo de inutilidade, decrepitude e morte; quando a participação social dos/as idosos/as é indesejada e desencorajada (NOGUEIRA; BATISTA, 2022)

Tais práticas etaristas podem passar despercebidas no cotidiano, embora se manifestem em diversos espaços, como em filas de bancos, supermercados ou ônibus, em comerciais de televisão, nas redes sociais, em piadas ou ditados populares, contribuindo para reforçar os estigmas em relação ao envelhecimento e à velhice.

Inclusive, no período da Pandemia de Covid-19 essas práticas foram bastante reforçadas nas redes sociais, onde eram compartilhados com frequência vídeos de pessoas idosas tentando sair de casa, ou de pessoas mais jovens constrangendo sobre a questão da vacina e uma possível perda de seus benefícios previdenciários ou assistenciais. Tais práticas expunham os idosos a situações vexatórias, infantilizadas e vexatórias:

No período de pandemia, nós, os idosos, fomos submetidos a um afastamento drástico da sociedade e, por isso, ficamos muito prejudicados e nos sentindo cada vez mais inúteis. Houve muitas fake news em relação à pessoa idosa. Exemplo: passava um carro de som, mandando os velhos saírem das ruas, ameaçando com um 'Cata idoso'. (LONGEVIDA, 2022)

Visando contribuir no combate à discriminação contra a pessoa idosa, a consultoria Longevida lançou em duas edições (a primeira em 2021 e a segunda revista e ampliada em 2022) *Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo*, onde são destacados palavras,

expressões, frases e depoimentos que expressam o idadismo contra a pessoa idosa. Tomaremos como referência essa publicação para apresentar de que maneira o idadismo se expressa no cotidiano.

Assim, selecionamos algumas palavras e expressões presentes na referida publicação e que são observadas diariamente na vida cotidiana: “ainda”, presente em frases como: ainda dirige com essa idade, expressando uma postura etarista ao sugerir que a pessoa idosa não tem autonomia ou condições de exercer o que deseja; “coroa” ou “conservada” para mulheres velhas; “caduco” como forma de deslegitimar o que a pessoa idosa diz, sinalizando que ela está mentalmente prejudicada; “passado/ultrapassado”; “peso para a família”; “velho da lancha”, expressando interesse pelo dinheiro da pessoa idosa; “velho do saco”, para amedrontar crianças. (Longevida, 2022)

Algumas frases ditas e não problematizadas também refletem essa postura etarista: “é coisa da idade”, para justificar questões de saúde como se fossem típicos da velhice; “está muito velho pra isso”; “está caducando”; “isso não é para uma peoa da sua idade”; “já deu o que tinha de dar”; “papagaio velho não aprende a falar”; “quem gosta de velho é reumatismo”. (Longevida, 2022)

Essa publicação traz ainda falas de pessoas idosas que vivenciaram situações de preconceito em razão da idade. Selecionamos algumas para refletirmos sobre elas:

“Disseram-me que eu não tinha capacidade para liderar um grupo. Mas esqueceram que eu era professora e que tinha capacidade para qualquer trabalho em grupo.” Adalizia Gomes da Silva, 64 anos, Querência do Norte (PR)

“Sinto algum estranhamento por parte dos mais jovens, quando me mostro ativa e criativa, como se isso fosse inesperado em razão da minha idade.” Ana Lucia de Castro Teixeira, 66 anos, Brasília (DF)

“Voltei a estudar (aos 69 anos) e escuto: 'Estás estudando? Para quê, se já estás perto de morrer?'. Canto em festas e ouço: 'A senhora não tem vergonha de estar em um palco com essa idade?'” Cícera Maria Arante Ribeiro, 69 anos, Recife (PE)

“Ouvi de um jovem: 'Pastoril (uma dança regional de Pernambuco) é coisa de gente jovem e não de velho'.” Cremilda, 70 anos, Recife (PE)

“Revi um grupo de pessoas que não encontrava desde a minha juventude. Depois do encontro, uma amiga me contou que ficou indignada com os comentários que ouviu sobre mim. Disseram que eu estava irreconhecível de ‘tão acabada’. Fiquei desapontada, porque imaginei que as pessoas queriam se reencontrar e confraternizar e não medir quais mulheres estavam mais ou menos ‘acabadas’. Tenho tantos planos para o futuro... Será que as pessoas imaginam que, nesta minha idade, algo acabou em mim? Ali, definitivamente não era o meu lugar.” Ekatriny Antoine Guerle, 61 anos, São Caetano do Sul (SP)

“Sinto preconceito quando, em um atendimento médico, a enfermeira se dirige ao acompanhante, me deixando de lado por ser idoso.” José Araújo da Silva, 78 anos, Curitiba (PR)

“Sempre falam: Só quer ser nova; procura teu lugar, lugar de velha’.” Lúcia Rodrigues de Góes, 66 anos, Recife (PE)

“Parece que sou um fantasma, as pessoas não me veem, não me cumprimentam, nem dão um sorriso... fico sem graça...” Maria Adelina Coutinho Paschoal, 78 anos, São Paulo (SP)

“Sofri preconceito etário ao ser despedida única e exclusivamente por ter completado 60 anos, mesmo sendo uma das melhores funcionárias.” Maria Lucia Consolo, 69 anos, São Paulo (SP) (LONGEVIDA, 2022, p.52-65)

Essas palavras, expressões, frases e depoimentos sinalizam o quanto o etarismo está presente no nosso cotidiano e de diferentes formas. Muitas vezes elas são reproduzidas acriticamente e contribuem para reforçar os preconceitos e discriminações em razão da idade. Assim, discutir e problematizá-las é fundamental para que seja possível construir uma cultura de enfrentamento à essa realidade.

Elias (2011), embora não tenha discutido sobre idadismo em sua obra, refletiu sobre os preconceitos em razão da idade ao e sobre a superioridade e o poder dos mais jovens sobre os mais velhos, bem como sobre a crueldade em tratar os idosos:

Lembro outra experiência que pode servir como exemplo da não identificação dos mais jovens com os velhos. Era professor visitante numa universidade alemã e fui convidado para jantar por um colega que estava no auge de sua vida. Serviu-me um aperitivo antes do jantar e me convidou a sentar numa moderna poltrona de lona, muito baixa. Sua mulher nos chamou para a mesa. Levantei, e ele me lançou um olhar de surpresa, talvez um tanto decepcionado: “Puxa, você está em muito boa forma”, disse. “Não faz muito tempo, o velho Plessner jantou conosco. Sentou na poltrona baixa como você, mas não consegui se levantar, por mais esforço que fizesse. Você precisava ver. No fim, tivemos que ajudá-lo.” E ria que ria: “Hahahaha! Não conseguia levantar!” Meu anfitrião se sacudia de rir. Evidentemente, também nesse caso, a identificação entre os não velhos e os velhos causava dificuldades.

A sensação “talvez eu fique velho um dia” pode estar inteiramente ausente. Tudo o que sobra é o gozo espontâneo de nossa própria superioridade, e do poder dos jovens em relação aos velhos. A crueldade que se expressa na zombaria dos velhos desvalidos, e também da feiúra de alguns velhos e velhas, era provavelmente maior antigamente do que hoje (ELIAS, 2001, p. 43).

Essas práticas reforçam estigmas relacionados ao envelhecimento e à velhice, tais como: a velhice como sinônimo de doença, de improdutividade, de incapacidade, tornando-se algo indesejado e que precisa ser evitado a todo custo, dentre outras manifestações.

Partimos da noção de estigma em Goffman (2004), como referência a um atributo depreciativo, que estigmatiza as pessoas e as classifica. Dessa forma,

O estigma tende a incidir fortemente na identidade das pessoas estigmatizadas e a

impactar suas vidas cotidianas; com a noção o autor mostra que, nos contatos face a face, existem imputações em relação a si mesmo e aos outros, com as quais é preciso lidar, sugerindo ainda que as situações sociais não se definem arbitrariamente ou exclusivamente pelos atores. (ASSÊNCIO; SOARES, 2002, p. 2)

Assim, o etarismo como estigma gera uma série de repercussões para a vida dos sujeitos, perpassando-a de diversas formas, seja no âmbito da saúde física ou mental ou no bem-estar social, além de gerar impacto socioeconômico, podendo implicar em pessoas idosas em uma menor qualidade de vida e autoestima, maior isolamento social, insegurança e insatisfação com sua própria vida (NOGUEIRA; BATISTA, 2022).

3 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi envelhecimento e etarismo na contemporaneidade. Com efeito, apontamos algumas conclusões: percebemos que a velhice é uma fase natural do ciclo de vida humano, a qual todos os seres humanos estão destinados a passar por ela, caso não morram jovens.

Apesar da dimensão biológica ser inevitável, a velhice e o envelhecimento são processos multifatoriais, estando permeados por outras dimensões, como a social, psicológica, econômica, demográfica e cultural, dentre outras. Esses fatores influenciam diretamente nas formas como os sujeitos chegam e vivenciam esses processos. Assim, entendemos que essa etapa é, além de socialmente construída, individualmente vivenciada.

Hodiernamente é reforçada a ideia de que é possível chegar a um envelhecimento bem-sucedido, desde que os sujeitos sigam fielmente uma gama de receituários, os quais contemplam alimentação saudável, prática de exercícios físicos, uso de cosméticos, procedimentos estéticos e cirurgias plásticas, dentre outros, visando retardar ou evitar os efeitos indesejáveis do envelhecimento e a manutenção de um corpo belo, saudável e jovem.

O problema desse tipo de concepção é o fato dela transformar o envelhecimento em responsabilidade individual de cada velho, contribuindo para a reprivatização da velhice. Dessa maneira, são desconsiderados os fatores de ordem social, econômica, demográfica, psicológica e cultural, dentre outros, que influenciam diretamente a forma como cada sujeito chega e vivencia a velhice.

Discutimos, também, sobre os preconceitos relacionados à questão da idade (etarismo),

os quais estigmatizam a velhice e o velho como alguém improdutivo e, portanto, inútil, trazendo uma série de repercussões para as suas vidas, seja no tocante à saúde física ou mental dos idosos, no bem-estar, autoestima e até mesmo na questão do isolamento e insatisfação com a vida.

Tais preconceitos precisam ser enfrentados, uma vez que eles não condizem com a realidade de muitas pessoas que, hoje, vivenciam suas velhices, visto que, como já mencionamos anteriormente, esse é um processo heterogêneo, repercutindo de maneiras diversas em cada ser humano, de acordo com suas experiências e vivências.

REFERÊNCIAS

ASSÊNSIO, Cibele & SOARES, Roberta. "Estigma – Erving Goffman". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/estigma-erving-goffman>. ISSN: 2676-038X.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco. 5. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.

_____. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Lei Federal nº 10.741, de 1 de outubro de 2003.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2004.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** Seguido de "Envelhecer e morrer". Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

GOFFMAN, Erving, **Stigma - Notes on the Management of Spoiled Identity**, Englewood Cliffs N.J, Prentice-Hall, 1963 (Trad. Bras. Mathias Lambert, Rio de Janeiro, Zahar, 2004)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LONGEVIDA. **Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo**. Belém: Recriar, 2022. Disponível em: <Longevida – Consultoria na Área do Envelhecimento> Acesso em 17 out. 2023.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1987.

NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rego; BATISTA, A. C. **Intergeracionalidade**: prevenção ao idadismo e construção de uma sociedade para todas as idades. Brasília: DF. SESC, 2022.